

A PRESENÇA AFRICANA NA AMAZÔNIA: O COLETIVO EM BRUNO DE MENEZES E O INDIVIDUAL EM DALCÍDIO JURANDIR

Edvaldo Santos Pereira (UFPA)¹
Regina Barbosa da Costa (UFPA)²

RESUMO:

Este artigo originou-se da análise das manifestações de africanidade em *Batuque* (1931), de Bruno de Menezes e *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), de Dalcídio Jurandir, baseada nos princípios de René Wellek sobre a “existência e a vitalidade das diferentes tradições nacionais” necessárias à superação de “preconceitos e provincianismos”. O foco principal é a relação entre individual e coletivo, sob o ponto de vista literário, com referência à demonstração da presença africana nas obras supracitadas, que contribuíram para a formação do povo da Amazônia, sobretudo de Belém e do Marajó. Em *Batuque*, o negro é visto de forma coletivizada, com um “eu lírico” que se manifesta em um terreiro metaforizado, expandindo-se a outros setores da sociedade, pela memória de culturas trazidas da África, que servem de alimento a uma vida que, embora legalmente livre, enfrenta preconceitos e discriminações decorrentes de ideias escravagistas ainda presentes. Em *Chove nos Campos de Cachoeira*, a presença negra se manifesta no personagem Alfredo, afrodescendente que vive a individualização de cativo, não pelas condições de um sistema escravagista já extinto, mas pelo reflexo de uma vida privada de liberdade, que impede a realização de seus desejos de conhecer um mundo diferente daquele ao qual ele se sente preso, sem autonomia sobre seu próprio destino.

Palavras-chave: Africanidade. Coletivo. Individual.

INTRODUÇÃO

As obras *Batuque* (1931), de Bruno de Menezes e *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), de Dalcídio Jurandir, abordam expressões de africanidade, de forma diferenciada, fato que despertou o interesse para estudo das obras em questão, tomando-se como ponto de partida a forma como esse assunto aparece em cada uma delas. A presença africana é marcante na Amazônia, região de grande contingente indígena, mas que também teve, na composição de seu povo, a contribuição de etnias africanas, que fundiram-se aos índios e aos colonizadores portugueses.

A proposta de pesquisa teve como base o princípio teórico do crítico austríaco René Wellek, que se deteve ao de um “estudo comparativo da literatura”, expressão que, segundo ele, parece ser a mais adequada, em se tratando de comparativismo entre textos

¹ Edvaldo Santos Pereira. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: edvaldospereira@bol.com.br

² Regina Barbosa da Costa. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: anygger@yahoo.com.br

literários. Nesse sentido, torna-se pertinente a análise das obras sob a ótica de uma individualização e de uma coletivização, destacando-se a extensão além dos limites da Amazônia, uma vez que essa questão aconteceu também em outras regiões do Brasil, mesmo que em graus diferenciados. Assim:

A literatura comparada deseja superar preconceitos e provincianismos nacionais, mas disso não resulta ignorar ou minimizar a existência e a vitalidade das diferentes tradições nacionais. Precisamos tanto da literatura nacional quanto da geral, precisamos tanto da história quanto da crítica literárias, e precisamos da perspectiva ampla que somente a literatura comparada pode oferecer.³

O cenário apresentado nas obras é a cidade de Belém e a Ilha do Marajó, retratadas por Bruno de Menezes⁴ e Dalcídio Jurandir⁵, no livro de poemas *Batuque* (1993) e na prosa *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941). Na Belém retratada por Bruno de Menezes é basicamente o terreiro que aparece como ambiente de reunião para as práticas culturais das mais diversas finalidades. No Marajó, figuram os campos alagados e o chalé que, em época de cheias, transformavam-se em locais isolados e de difícil acesso, mas que proporcionavam um ambiente propício aos devaneios de Alfredo, o menino que sonhava com um mundo distante de sua própria realidade no Marajó.

Afrodescendentes, os escritores manifestaram essa condição em suas obras, demonstrando o que Antonio Candido (2010) denominou de “forças condicionantes” capazes de guiar a criação artística em maior ou menor grau. Assim, para esse crítico, “[o]selementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem às necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez, que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo”.⁶

³WELLEK, 1980. p. 144

⁴ Bruno de Menezes nasceu em Belém, em 1893 e morreu em Manaus, em 1963. Foi um poeta autodidata, pois concluiu apenas o curso primário, dedicando-se à literatura no decorrer do ofício de encadernador, ocasião em que teve a oportunidade de ler muitos livros. Foi funcionário público, aposentando-se como Diretor do Departamento Estadual de Cooperativismo, em 1955.

⁵ Dalcídio Jurandir nasceu na Ilha do Marajó (PA), no município de Ponta de Pedras em 1909 e morreu no Rio de Janeiro (RJ), 1979. Morou em Cachoeira do Arari até 1922 e foi para Belém estudar, mas não concluiu os estudos. Além de escritor, foi também jornalista, tendo intensa atuação como redator e colaborador, no estado do Pará. Teve intensa participação política no partido Comunista Brasileiro.

⁶CANDIDO, 2010. p. 35

Sob esse mesmo pensamento de uma representação do cotidiano de uma realidade social, René Wellek considera que:

A literatura “representa” a “vida”, e a “vida”, em grande medida, é uma realidade social, embora o mundo natural e o mundo interior ou subjetivo do indivíduo, também tenham sido objetos de “imitação literária”. O próprio poeta é membro da sociedade possuindo uma posição social específica: ele recebe certo grau de reconhecimento social e recompensa; ele se dirige a um público, por mais hipotético que seja.⁷

A visão do autor de uma obra literária, como membro da sociedade, desmistifica a ideia de um observador distante, que não tem vínculos com a realidade que descreve, mas aquele que, mesmo de forma subjetiva, como se propõe a “imitação literária”, coloca em questão a vivência social em toda sua plenitude, como membro participante que também pode demonstrar na obra suas próprias experiências.

O estudo da presença africana na Amazônia, assim como sua influência na formação cultural do seu povo, é marcado pela chegada dos primeiros escravos ainda no início da ocupação da região no século XVI, como observou o historiador Vicente Sales, com a publicação de dois livros voltados para essa questão, intitulados *O negro no Pará* e *O negro na formação da sociedade paraense*. Segundo ele, o declínio do monopólio comercial de Portugal no Oriente e a ocupação holandesa em Pernambuco (1630-1654) trouxeram a necessidade de novos solos para a cana-de-açúcar e a procura de especiarias na floresta. “Neste ambiente ingressará o negro africano. Marcará profundamente a sua presença na Amazônia”.⁸

Em relação à ressonância de africanidade nas obras dos escritores paraenses aqui apreciados, destacamos que em *Batuque*, o cotidiano está representado em forma coletiva, pelas manifestações grupais, pelas condições de trabalho, pelos rituais religiosos, ou mesmo pela dança, de maneira que caracteriza a unidade formada pela somatória das individualidades envolvidas nessas práticas culturais. Já em *Chove nos campos de Cachoeira*, esse traço cultural é realçado de forma individualizada, na figura do personagem Alfredo, um menino que vive o conflito de ser um afrodescendente, pela

⁷WELLEK, 2003. p. 113

⁸SALES, 2004. p. 17

internalização do preconceito oriundo da relação com outros personagens que o discriminavam.

BATUQUE: RESSONÂNCIA NEGRA NA POESIA AMAZÔNICA

A presença de um “eu lírico”, que se estende a uma coletividade de manifestações culturais demonstradas em *Batuque*, traz a essa obra o caráter de uma representação de culturas de origem africana, que chegaram à Amazônia com os escravos e se expandiram pela região. Foram trazidas por inúmeras etnias provenientes de vários países, sobretudo aqueles que eram colônias portuguesas, localizadas na costa oeste do continente africano.

O título *Batuque* é uma referência à musicalidade, posto que remete à dança do batuque⁹. A música possui uma força unificadora capaz de reunir, em um mesmo espaço, os vários elementos que apontam diferenças. A expressão marcante da cultura africana na Amazônia, assim como em todo o Brasil, envolveu práticas de ordem diversa, sofreu adaptação às especificidades da região, numa relação sinestésica, observada nos versos:

Roupa de renda a lua lava no terreiro,
um cheiro forte de resinas mandingueiras
vem da floresta e entra nos corpos em requebros.¹⁰

Nos versos do poema “Batuque”, a envolvente dança africana é impregnada pela magia de uma atmosfera amazônica de resinas mandingueiras que penetram os corpos entregues ao prazer da música, favorecendo a interação da expressão coletiva misturada aos costumes de um novo ambiente. Assim, como “[e]lemento primeiro na constituição da paisagem, a floresta amazônica absorve e catalisa o comportamento do amazônida, imprimindo à região uma espécie de estilo de vida e cultura”.¹¹

⁹ É uma dança de origem africana que ocorre em várias regiões do Brasil, na qual as mulheres usam vestimentas como se fossem as antigas escravas e dançam em círculos cantando versos que falam da escravidão, da religião católica ou de algum fato cotidiano. Os homens tocam instrumentos como o pandeiro e tambores compridos, montados sobre eles.

¹⁰ MENEZES, 1993. p. 292

¹¹ SIMÕES, 2000. p. 04

A abordagem da temática feita na poética de Bruno de Menezes de forma coletivamente como cenário principal os terreiros, representados por um mesmo espaço físico onde ocorriam reuniões com as mais diversas finalidades. Esta abordagem está exemplificada nos versos:

Sudorâncias bundus mesclam-se intoxicantes
No fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.
Ventres empinam-se no arrojo da umbigada
As palmas batem o compasso da toada.¹²

Em outras ocasiões, a individualidade de uma personagem toma a forma coletiva pela representação de tantas outras, como se pode observar, no poema “Mãe Preta”, a figura da mulher negra que se tornou “mãe de leite” em todo o Brasil:

És, Mãe Preta, uma velha reminiscência
das cubatas, das senzalas,
Com ventres fecundos padreando escravos
Mãe do Brasil? Mãe dos nossos brancos?¹³

A expansão do individual para o coletivo, apresentada por Bruno de Menezes, aponta para uma expressão coletiva nacional, mas que tem como pano de fundo uma marca de personalidade. Dessa forma:

Uma *performance* verbal pode ser caracterizada por materiais diferenciados: o narrador pode ficar imerso nas fontes da tradição, ser capaz de imprimir suas marcas pessoais no que relata e pode, ainda, referir elementos relacionados com avanços socioculturais do grupo. É nesse sentido que se afirma que cada *performance* verbal é irrepitível, além de mobilizar, ao mesmo tempo: a tradição e a inovação, o individual e o coletivo.¹⁴

A fusão cultural dá ao *Batuque* o caráter de obra que sinaliza a coletivização comum às manifestações culturais, como a música, que é presença frequente na maioria dos poemas da coletânea, e torna-se o elo principal que favorece a aproximação de individualidades, mesmo aquelas de origens étnicas diferentes que, miscigenadas, deram

¹²MENEZES, 2005. p. 19

¹³MENEZES, 2005. p. 31

¹⁴SIMÕES, 2010. p. 08

origem ao amazônida. Essa característica também pode ser percebida no poema “Chorinho”, nos versos “Das músicas chulas as notas vão subindo/ conduzem três almas demais brasileiras serenatando”. Mais uma vez a música é o veículo de aproximação entre etnias, por uma interpretação que leva à representação do índio, habitante nativo; do português, colonizador; e do negro, trazido da África como escravo, mas que também entrou no processo de miscigenação, pela qual se formou o povo da região.

E uma crioula trescalando a manjerona,
camisa de renda cabelo entrançado,
fecha a janela que se abriu de madrugada
por uma flauta um violão e um cavaquinho...¹⁵

O escritor Dalcídio Jurandir, companheiro que partilhava dos mesmos ideais, elaborou um comentário sobre esta produção poética de Bruno de Menezes, indicando que nela encontra-se uma pintura viva da cidade. Para ele:

“Batuque” é um retrato de Belém, história do Umarizal, da Pedreira e da Cremação, do cais e das velhas docas. O subúrbio e o terreiro, em suas páginas, estão dançando e cantando. O livro, por isso, tem uma saborosa força nativa e o poeta nos transmite “a vida brasileira que ele viu, gozou e viveu” nesta Belém tão sua. “Batuque” tem uma importância histórica e literária na poesia brasileira, sobretudo na poesia da Amazônia. O poema atravessa a cidade como um igarapé de maré cheia... “Batuque” faz parte de nossa cidade, como a Sé, a tacaczeira, a lembrança de Angelim, o Ver-o-Peso.¹⁶

Observador sensível à conformação urbana e às questões sociais da Belém que o adotara como filho, Dalcídio Jurandir também irá desenhar Belém em seu livro *Belém do Grão-Pará* (1960). Ele é o filho que viaja para longe, mas carrega consigo a bagagem cultural com a qual generosamente retrata em seus romances a cidade que Bruno de Menezes, como filho legítimo, faz despertar em sua lembrança.

A INDIVIDUALIZAÇÃO NA ILHA DE ALFREDO

¹⁵ MENEZES, 1993. p. 292

¹⁶ MENEZES, 1993. p. 292

Dalcídio Jurandir é um escritor que se destacou na produção de um Ciclo conhecido como Extremo Norte¹⁷, que inicia a partir do livro *Chove nos campos de cachoeira*, onde traça um cenário da Amazônia paraense, diferente daquela que era conhecida e mostrada até então pelos escritores da região Norte, em cujas obras eram expostas as belezas naturais da terra e explorada a mitologia regional, ou mesmo as que resultaram de uma “tradição literária sobre a Amazônia timbrada pela reverberação do Verbo, na tentativa de desvelar uma Natureza opulenta e vitoriosa.”¹⁸ É na Amazônia Dalcidiana, permeada de mazelas sociais, que será encontrada a presentificação de uma realidade, na qual o indivíduo é o elemento focalizado na discussão de seu entorno. Para a apreciação da obra do escritor marajoara algumas observações são necessárias, como os tipos de leitura praticada pelo autor.

Essas leituras praticadas por Dalcídio Jurandir podem ser estudadas de três formas: a primeira, por meio de seus textos engendrados para a ficção; a segunda, conhecendo sua participação social em jornais e revistas; e a terceira, que é marcada pela consulta aos seus acervos e documentos pessoais, como as cartas enviadas por ele à esposa, em 1937, quando esteve preso pela segunda vez em decorrência de sua atividade na política. Escreveu ele: “Manda dizer ao Flaviano procurar com Gentil Puget os livros *Negro brasileiro* e *Religiões negras* que preciso estudar aqui.”¹⁹

Na listagem de leituras de uma carta de 1937, Dalcídio Jurandir faz referência aos livros *Religiões Negras* (1936), de Edison Carneiro e *Negro Brasileiro* (1934)²⁰, de Arthur Ramos de Araújo Pereira. Com essa indicação, ele demonstra que sua preocupação com os problemas sociais não era superficial, pois procurava pesquisar para então explorar tais assuntos nos seus artigos e romances.

¹⁷O ciclo do *Extremo Norte*, composto de dez romances: *Chove nos campos de Cachoeira*, (1941), *Marajó* (1948), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). O escritor também publicou *Linha do parque*, em 1959, livro que não pertence ao *Extremo Norte*, por ser um romance encomendado pelo Partido Comunista e apontar para outra realidade social vivenciada pelo autor no Rio Grande do Sul, quando era repórter da *Imprensa popular*.

¹⁸FURTADO, 2010. p.15-16

¹⁹NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006. p. 33-34

²⁰ Nas correspondências de Dalcídio Jurandir observamos que ele cita o livro *Negro Brasileiro*, no entanto, o título original da obra é *Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*, de Arthur Ramos de Araújo Pereira. Além disso, Arthur Ramos trocava cartas com Edison Carneiro, com Sigmund Freud e com escritores brasileiros, compondo um acervo em que predominava a temática do negro da Amazônia.

No terceiro fragmento de outra carta de 1937, Dalcídio Jurandir explica essa necessidade de estudar os livros que abordassem assuntos de sua época, especialmente os que se referiam às questões sociais, deixando claro que ele procurou fazer da cadeia um gabinete de estudo para os seus textos literários, uma vez que a obra desses escritores, contemporâneos a ele, de certa forma fomentaram ideias sobre a sociedade brasileira e contribuíram decisivamente para a sua produção literária.

O escritor marajoara reafirma, em seus manuscritos, suas observações sobre as questões sociais e a exploração do tema nacional no romance brasileiro:

Experimentemos todas as técnicas ou concepções de romance mas, sobretudo, experimentemos em nossos romances este tema virgem, vasto e múltiplo que é o Brasil, a sociedade brasileira, isso que nos dá o nosso povo, essa sua verdade para que possam lhe retribuir com a nossa literatura²¹ - sermos dignos de uma vocação de nosso tempo e dos demais tempos.²²

Neste manuscrito, ele ressalta que o escritor brasileiro deve deixar a marca de seu tempo e, para isso, é fundamental conhecer a realidade brasileira e explorá-la nos romances que produz, pois considera que no Brasil há uma vastidão de assuntos que estão disponíveis para serem estudados.

Ainda que demonstrasse em suas cartas a preocupação com problemas sociais de ordem geral, em *Chove nos Campos de Cachoeira*, a presença negra é evidenciada em apenas um personagem: o menino Alfredo. Este personagem é um afrodescendente que vive no romance a individualização de cativo, não pelas condições de um sistema escravagista já extinto, mas pelos reflexos de uma vida privada da liberdade que favoreça a realização de seus desejos de conhecer um mundo diferente daquele ao qual ele se sente preso, sem ter autonomia sobre seu próprio destino.

Alfredo sofria sozinho na sua casa, uma habitação que se assemelhava a uma ilha, já que no período das chuvas o chalé ficava rodeado de águas, conforme título do capítulo “O chalé é uma ilha batida de vento e chuva”²³. Como um náufrago, Alfredo vivia os meses de chuva no chalé, refletindo sobre sua condição de vida e também sobre

²¹Texto manuscrito encontrado no acervo de Dalcídio Jurandir, que constitui um ensaio sobre o papel do escritor.

²²NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006. p. 182

²³JURANDIR, 1941. p. 63

a imensa vontade que tinha de sair daquele lugar, onde somente o caroço de tucumã²⁴ era o parceiro de todas as suas angústias.

A questão racial é discutida por Dalcídio Jurandir, a partir do personagem Alfredo, que é fruto de reminiscência de um passado distante entre Major Alberto, que representa a raça branca, e D. Amélia, uma negra que acumula sofrimentos por sua condição social. O menino ficava confuso ao fazer as comparações de raça e aceitar sua condição étnica:

Causava-lhe vergonha, vexames, não sabia que mistura de sentimentos e faz-de-conta. Por que sua mãe não nascera mais clara? E logo sentia remorso de ter feito a si mesmo tal pergunta. Eram pretas as mãos que sararam as feridas, pretos os seios, e aquele sinal pretinho que sua mãe tinha no pescoço lhe dava vagaroso desejo de o acariciar, beijando-lhe também os cabelos, se esquecer do caroço, do colégio, das feridas, da febre, dos campos queimados avançando para a vila dentro da noite no galope do vento. Ficar assim como se pela primeira vez, de repente, compreendesse que tinha mãe, a primeira e real sensação que era filho, de que brotara, de súbito, daquela carne escura.²⁵

O pai de Alfredo, Major Alberto, demonstra sensibilidade ao tratar a questão racial, visto que ele constantemente gostava de dar destaque às leituras que fazia, falando de personalidades como Joaquim Nabuco (1849-1910), que defendia a liberdade religiosa e a questão abolicionista. Ele contava a história de Nabuco para D. Amélia numa tentativa de fazê-la conhecer as histórias das personalidades que defendiam a causa negra. Mas o empenho do Major Alberto nessa questão não atingia Alfredo, que “achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe preta.”²⁶

Assim, na apresentação individualizada do drama de Alfredo que permeia não só a primeira obra do ciclo dalcidiano, mas as outras obras que se seguem, posterior a esta, é possível perceber a condição de afrodescendente ostensivamente apontada em passagens do livro: “[c]açoavam dele porque, mais pequeno, não tomava café para não ficar preto”²⁷. Desta forma, a voz de Dalcídio Jurandir se junta à de Bruno de Menezes

²⁴ Tucumã é o fruto de uma palmeira muito comum na Amazônia. No romance o caroço representava o brinquedo favorito de Alfredo e também era o seu confidente.

²⁵ JURANDIR, 1941. p. 19 - 20

²⁶ JURANDIR, 1941. p. 20

²⁷ JURANDIR, 1941. p. 259

para a representação de uma realidade Amazônica que sofre de problemas sociais, mas que é artisticamente representada por dois grandes escritores oriundos do Norte, e que também pode ser a fala coletiva universal daqueles que lutam por uma sociedade justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das obras apresentadas neste artigo proporcionou-nos a visão da presença africana na Amazônia sob dois aspectos: a expansão cultural que a região obteve com a vinda das etnias afros, e a internalização de imposições sociais enfrentadas por essas etnias ao chegarem a esta região.

Pela análise das obras *Batuque* e *Chove nos campos de Cachoeira*, foi possível conhecer aspectos da história de vida do negro na Amazônia, e sua luta para conquistar um espaço na sociedade, numa compreensão, de forma efetiva, das questões sociais por ele enfrentadas como expressões aplicáveis à nossa existência, que permitem evidenciar a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades. Associada às constatações dessas representações, a tomada de consciência em relação à formação do ser humano é enfatizada pelos autores Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir, pela criação de condições para melhor compreensão do processo permanente de educação e de diferenciação, que contribuiu para a definição de si mesmo, na constituição de uma identidade evolutiva, como sinal emergente de fatores socioculturais.

A africanidade apresentada em *Batuque* e *Chove nos campos de Cachoeira* traz, apesar da forma diferenciada na abordagem, aspectos comuns que intersectam, criando um campo de comunicação que ultrapassa limites das etnias africanas que chegaram à Amazônia e difundiram suas culturas por toda a região, enfrentando o preconceito, internalizado no personagem Alfredo, de Dalcídio Jurandir, e coletivizado nos personagens anônimos de Bruno de Menezes.

Desta feita, a realidade negra da representação africana contada por Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir, adquire uma feição mais aproximada de suas realidades porque eles não somente contam o que viram, como componentes de uma plateia assídua atenta às encenações que surgem diante dos seus olhos, mas contam o que

viveram no palco, como os participantes que encenam suas próprias realidades. Ao contá-las, os escritores transmitem, de forma intensa, a mesma emoção provocada por um sentimento que brota das veias e escorre com o suor lançado ao papel, com as mesmas cores, cheiros e sensações que atingem todos os sentidos e chegam ao íntimo de quem lê.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 11. ed. (edição revista pelo autor) Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- COSTA, Regina Barbosa da. *Imagens de leituras em Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. Dissertação (Mestrado) – Belém: Universidade Federal do Pará, 2014.
- FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vecchi: 1941.
- MENEZES, Bruno. *Batuque*. Belém: Gráfica Sagrada Família, 2005.
- PEREIRA, Edvaldo Santos. *Batuque: reverberação da memória na vivência de identidades afro-amazônicas*. Dissertação (Mestrado) – Belém: Universidade Federal do Pará, 2014.
- PEREIRA, Arthur Ramos de Araújo. *Negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- SALLES, Vicente. *O negro na formação da sociedade paraense. Textos reunidos*. Belém: Paka-Tatu, 2004.
- SIMÕES, Socorro. LENDAS E MITOS DA AMAZÔNIA. *Revista Litteris Literatura*. Julho de 2010. Número 5. Disponível em: http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/lendasemito_sMariadosocorro.pdf. Acesso em 23.09.2014.
- SIMÕES, Socorro. NARRATIVAS DA AMAZÔNIA PARAENSE. Disponível em: http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_27df80ceac598c7f7371f7f4897e0fda_32.pdf. Acesso em 23.09.2014.
- WELLEK, René. *Conceitos de crítica*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- _____; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.